

Saber Ver

Adolfo Souza Grota*

Atualmente com o grau de difusão da cultura das orquídeas, muitos se julgam capazes de poder falar e escrever sobre elas, às vezes superficialmente, porque nem sempre a observação criteriosa serviu de base para o que escreveram. Quem ouviu os comentários sobre os julgamentos de plantas nas exposições, pode ser levado a crer que estes julgamentos são feitos por juízes parciais e incompetentes, mas isto só se dará com as pessoas que não têm o dom da observação, não da observação que consiste simplesmente em olhar uma flor e logo passar adiante, mas da observação acurada, demorada e que, sobretudo se junte à comparação. Quem estiver bem exercitado a ver com atenção os menores detalhes, compreenderá porque, numa exposição, uma flor que tirou o prêmio e que lhe parecia o merecer, de fato fez jus a esse prêmio em comparação com as outras de sua categoria e, então, ficará sabendo quão difícil é o papel do juiz numa exposição de orquídeas, porque ele não deve se deixar levar pela pomposidade das flôres, mas sim deve analisá-las, compará-las friamente.

É preciso que saibamos ver e extasiar-nos diante duma orquídea em flor. Muitos não vêm, não sentem e passam e olham e esquecem. Poderemos educar o gosto? É possível ensinar a ver e gozar uma bela orquídea? É uma questão duvidosa, mas uma bela orquídea deverá falar por si, produzindo no espírito dos que a olham, aquela sensação

especial de beleza, que naturalmente será individual. Será que só os que têm disposições naturais possam chegar a apreciar a beleza de uma flor, como uma obra de arte? Nesta questão, quem observa uma exposição de orquídeas poderá verificar a diversidade de gostos e de comentários sobre as flôres expostas: há os que apreciam as flôres coloridas, de intenso colorido, os que gostam de tons mais suaves, os intransigentes na questão da forma da flor, desprezando tudo mais; há os que apreciam o exotismo e os que apreciam a raridade. Como educar esses gostos? Muito difícil. Embora as comissões julgadoras julguem de acordo com as normas preestabelecidas, firmadas em cânones que regulam o que se convencionou chamar "flor perfeita" - ainda assim surge sempre a dúvida diante da diversidade de gosto dos julgadores. A Itália deixou de possuir um magnífico quadro de Rembrandt - *Bove squartato* - porque, como disse Marangoni "Una delle solte commissioni di professori molti anni fa se pronunciassero contraria all'acquisto, per ché il soggetto - un bove squartato - non pareva degno di un pubblico museo".

Atualmente estamos acostumados a ver quase que somente híbridos e assim nunca observamos uma espécie como deveria ser observada. As flôres simples, como as gentes simples, devem ser vistas tais quais se apresentam e não devemos exigir delas o que não podem dar. Coletores de plantas de todos os tempos ficavam extasiados diante do



que viam nas matas e estas orquídeas, que hoje são olhadas com pouco caso, mereceram deles, páginas de verdadeiro entusiasmo. Há certas qualidades padrões que podem ser usadas, para determinar a extensão em que o auxílio visual é de valor na apreciação do que se olha. É preciso mais do que ver; é preciso observar. Não vou exigir que todos tenham a capacidade de observação do grande Fritz Müller, naturalista alemão que viveu em nossa terra e que foi denominado por Darwin “príncipe dos observadores”. Não. Mas também não deve olhar a flor e passar logo adiante, sem observá-la com cuidado, sem procurar entender a mensagem que ela nos traz. As qualidades principais na visão das coisas são: precisão, pertinência, realismo, compreensão e interesse. É muito mais fácil observar uma orquídea e gravar seus caracteres diante da planta viva, do que diante de uma prancha, por mais bem feita que seja. Por isso, que chamamos precisão, devemos aproveitar ao máximo as exposições ou visitas a orquidários de amigos, onde podemos observar acuradamente grande número de gêneros e espécies de orquídeas. Uma observação pode às vezes, ser acurada ao último detalhe, mas, às vezes, falha por falta de pertinência. Quanto ao realismo e compreensão, falam por si e eu vou referir-me somente ao interesse, como um fator primordial na arte de saber ver. Tudo que nos interessa é sempre visto com mais cuidado, mas não

deve ser uma coisa passageira e sim contínua. Devemos pensar sempre no assunto; não quero dizer que todos tenham interesse pelas orquídeas, mas aqueles poucos que os tenham, devem cultivá-lo, procurando entendê-las, porque muitas vezes o interesse é proporcional ao entendimento. À custa de se interessar extraordinariamente pelas orquídeas a ponto de exclamar: “I never was more interested in any subject in my life, than this of orchids”, Darwin pode escrever seu maravilhoso livro “The various contrivances by which are fertilized by insects”, que todo aquele que ama as orquídeas deveria ler, para avaliar a capacidade de observação aliada ao máximo de interesse, que lhe despertava a ação dos insetos na fertilização cruzada das orquídeas, já que, segundo disse êle: “a natureza tem interesse em evitar, por todos os meios possíveis, as autofecundações perpétuas, cuja ação é funesta ao desenvolvimento da espécie”. Foi também o interesse que levou o grande Fabre a escrever os seus famosos “Souvenirs entomologiques”. Dele disse o grande escritor Romain Rolland “la patience passionnée de ses géniales observations me ravit, à l'égal des chefs d'oeuvre de l'art. Il y a des années que je lis et que j'aime ses livres”. É isto que eu desejo que nossos orquídifilos possuam em alto grau: interesse, porque assim aprenderão a ver tudo quanto há de belo numa orquídea, por mais modesta que seja.

(*) O texto acima é de 1958 e foi publicado no Boletim da SBO, vol. I, nº 6, julho de 1958, nas páginas 98 e 99. O autor, Adolfo Souza Grota, era representante da SBO em São Paulo. Foi respeitada a grafia da época, tendo a Editoria feito apenas uma correção de um erro tipográfico evidente: no lugar de *exotismo*, está *exatismo*, palavra inexistente e sem sentido no contexto.



É tempo de *purpurata*

Parece que não é...

1 - De repente começa a lhe abrir uma flor, *Laelia purpurata*, ou, pelo menos, você a tinha como tal...

Feia. Retorcida, parece com uma porção de outras flores, mas você sabe que é uma *Laelia purpurata* (pois aquele labelo, já entrebertado, não engana ninguém), de um lote vindo de Amândio Pinho Caetano, florindo pela primeira vez e todos sabem que Amândio não faz “porcarias”.

Mas, você pensa, a natureza, os mistérios da genética, fazem e levam você a pensar que, à primeira vista, se trata de outra coisa, uma deformidade, uma peloria, uma doença...

2 - Demora para abrir e você acaba perdendo a paciência e vai dando uma ajudazinha aqui, outra ali, atraído pelo colorido intenso do labelo, o famoso roxo-violeta, e do que lhe parece ser a venação, no mesmo tom, nas pétalas. A flor vai, aos poucos, se abrindo e você descobre, a final, que a forma não é de todo ruim e que você foi premiado com uma raridade, uma labeloide, quase trilabelo.

Orquidofilia tem dessas surpresas!

3 - Na terceira foto, que infelizmente ficou muito pequena, abriu totalmente a flor, para que se pudesse ver, de forma mais completa, o desenho tendente a reproduzir o labelo nos dois falsos que se apresentam quase perfeitos.

E ficamos a nos perguntar qual terá sido o desarranjo biológico que determinou isto ou se é a planta evoluindo em busca da garantia da polinização que lhe permitirá a perpetuação.



Raimundo Mesquita

